

nhado dos tipógrafos Luís José Lazier, francês, e João Antônio Alvarez, espanhol, já posta no Brasil, e lançando, a 1º de abril, *O Paraense*. Em Vila Rica existiam duas tipografias: a que surgira do engenho do padre Viegas de Menezes e outra, chamada *Provincial*, instalada pelo governo provisório mineiro, logo após a Independência.

Havia, na Corte, em 1813, apenas duas livrarias, ambas de franceses, Paul Martin Filho e Jean Robert Bourgeois. Em 1821, havia pelo menos nove: a de Manuel Joaquim da Silva Porto, à rua da Quitanda; a de Antônio José Rebelo, no largo do Desterro; a de Jerônimo Gonçalves Guimarães, à rua do Sabão; a de João Batista dos Santos, à rua da Cadeia; a de Francisco Luís Saturnino da Veiga, à rua da Alfândega; a de Cipriano José de Carvalho; a de Francisco Nicolau Mandillo; a da rua Direita, defronte do Arsenal, que vendia folhetos com os discursos pronunciados nas Cortes de Lisboa; a de Paul Martin, à rua da Quitanda. Em 1823, proclamada a Independência, surgiram outras: a de José Antônio da Silva, à rua Direita; a de Joaquim Antônio de Oliveira, à rua da Quitanda; a da rua dos Latoeiros; a da rua da Ajuda; a de Vera Cruz & Cia., à rua da Quitanda; a da rua das Violas; a da rua Nova do Senado; a da rua dos Arcos. Eram, algumas vezes, lojas mistas. Mas já a imprensa dava sinal, em anúncios, da venda de livros usados e, em 1823, o livreiro Francisco Luís Saturnino da Veiga, desejando contrair segundas núpcias, auxiliava os filhos a abrirem nova casa do gênero, sob a firma João Pedro da Veiga & Cia., à esquina das ruas da Quitanda e S. Pedro, prova de que o negócio de livros dava para viver.

ção daquelas inocentes vítimas, despacha ali mesmo os que lhe pareceram mais capazes de lhe dar execução. Uns correm aos quartéis militares, outros a casas particulares; fervem prisões por toda a parte e já as cadeias começam a se abrir para ir engolindo um por um dos nossos bons Compatriotas.

Aqui, porém, mostraram os nossos como tinham capacidade para saber conhecer que a desobediência tem todo preço de heroísmo em certos casos, e é quando com ela se salva a causa da Pátria. Um bravo capitão deu o sinal do dever de todos, fazendo descer aos infernos o principal agente da injustíssima execução; correu-se às armas, e poucas horas daquele mesmo dia foram todo o tempo de começar e acabar tão ditosa revolução, que mais pareceu festejo de paz que tumulto de guerra, sinal evidente de ter sido toda obra da Providência e benefício da bênção do Todo Poderoso.

O ex-general tinha se recolhido à fortaleza do Brum, e onde supunha achar uma praça de defesa, achou a prisão de sua pessoa e dos seus. Recorreu a proposições pacíficas, que acabaram num conclusum (*sic*) com que foi obrigado a conformar-se no dia sete, pelas seis horas da manhã.

Desde logo foi restabelecida toda a ordem política, não se ouviram mais outras vozes que de aclamações gerais dignas do dia em que um imenso povo entrava na posse de seus legítimos direitos sociais. Foi consequência disso não ter havido até agora sequer um só distúrbio, nem motivo qualquer de queixa.

A oito se instalou o Governo Provisório, composto de cinco Patriotas tirados das diferentes classes; o qual Governo tem sido sempre permanente em suas sessões. O seu primeiro cuidado foi desabasar os nossos Compatriotas de Portugal dos medos e desconfianças, em que os tinham inquietado os partidistas da tirania, recebendo a todos com abraços e ósculos, segurando as suas famílias,